

O corpo feminino nas narrativas de Maryse Condé

The female body in the narratives of Maryse Condé

Maria Letícia Macêdo Bezerra

RESUMO: Este trabalho examina o papel do corpo feminino enfermo e traumatizado e sua relação com o protagonismo nas obras *Desirada* (1997), *La migration des coeurs* (1995) e *Histoire de la femme cannibale* (2003) da escritora guadalupense Maryse Condé. A análise parte da hipótese de que, embora essas personagens enfrentem traumas físicos e psicológicos, seus corpos funcionam como ferramentas de negociação de poder e identidade. O estudo questiona a visão tradicional de passividade associada ao trauma corporal, propondo que o corpo, mesmo afetado por doenças ou violência, não é apenas um reflexo do sofrimento, mas um campo de ação e resistência. Em *Desirada*, o corpo da protagonista é explorado como um espaço de busca identitária, diretamente ligado ao trauma da ausência materna e do deslocamento. Em *La migration des coeurs*, Condé constrói o corpo feminino como um reflexo das tensões históricas e culturais, enquanto em *Histoire de la femme cannibale*, o corpo simboliza fragmentação e crise identitária, mas também a possibilidade de confrontar essas condições. Condé oferece uma visão alternativa da agência feminina, onde o corpo, em vez de ser uma ferramenta de opressão passiva, é retratado como um meio de reorganização das relações de poder e subjetividade, dentro de um contexto de diáspora e colonialismo.

Palavras-chave: Maryse Condé. Corpo feminino. Trauma. Diáspora. Pós-colonialismo.

ABSTRACT: This paper examines the role of the sick and traumatized female body and its relation to agency in the works *Desirada* (1997), *La migration des coeurs* (1995), and *Histoire de la femme cannibale* (2003) by Guadeloupean writer Maryse Condé. The analysis is based on the hypothesis that, although these characters face physical and psychological trauma, their bodies function as tools for negotiating power and identity. The study challenges the traditional view of passivity associated with bodily trauma, proposing that the body, even when affected by illness or violence, is not merely a reflection of suffering, but a site of action and resistance. In *Desirada*, the protagonist's body is explored as a space for identity-seeking, directly tied to the trauma of maternal absence and displacement. In *La migration des coeurs*, Condé constructs the female body as a reflection of historical and cultural tensions, while in *Histoire de la femme cannibale*, the body symbolizes fragmentation and identity crisis, yet also the possibility of confronting these conditions. Condé offers an alternative view of female agency, where the body, rather than being a passive tool of oppression, is portrayed as a means of reorganizing power relations and subjectivity within a context of diaspora and colonialism.

Keywords: Maryse Condé. Female Body. Trauma. Diaspora. Postcolonialism.

Introdução

No âmbito de literaturas caribenhas e pós-coloniais – aqui tomo por empréstimo de Françoise Lionnet (1995) a justificativa do uso do termo pós-colonial, em referência ao “pós contato”, colapsos nervosos, loucura e até mesmo suicídio, são temas frequentemente tratados por escritoras. O corpo está sempre presente, seja de maneira implícita ou explícita, ele colabora com a narrativa. Em histórias que surgem de um “pós

contato” perverso colonial, essa presença pode se tornar mais latente. A escritora guadalupense Maryse Condé, em um artigo de 1993, declarou que a sexualidade representa um tabu na literatura caribenha e que quando raramente abordada é da masculina de que se trata. Algumas vozes, em sentido contrário a essa corrente, são enumeradas no artigo, sendo sua própria voz uma delas. De 1993 para 2024, a atenção para esse cenário tem aumentado e novas vozes surgem para acrescentar camadas de complexidade ao debate, iniciado no século XX, sobre o rumo da literatura caribenha e a liberdade do seu escritor. Nesse fluxo, o protagonismo feminino literário, na produção e/ou na representação, vem a fortalecer a base crítica literária. Cria-se uma rede de narrativas interpeladas pela literatura mundo (Le Bris; Rouaud *et al.*, 2007), onde obras de língua francesa produzidas fora da França Hexagonal podem dialogar entre si.

Para a crítica literária pós-colonial, a questão da identidade é incontornável, sobretudo nas produções de Maryse Condé. As personagens dos seus romances são migrantes, estrangeiras, marginalizadas, conflitantes e questionadoras. As histórias seguem relativamente um padrão: a busca de algo, que nunca é encontrado ou alcançado. A multiplicidade de personagens e de seus deslocamentos constituem uma *métissage narratif*, definida por Marie-Agnès Sourieau (1995, p. 114) “como uma estética cultural que, ao ligar o escrito e o oral, o real e o imaginário, o ‘conhecido’ e o ‘incerto’, conduz à recuperação de histórias/Histórias ocultas”.¹

Além desse macro tema, que predomina nos estudos em torno das obras de Maryse Condé, uma outra constante pode ser investigada: a frequência de doenças, mazelas, traumas, de uma longa lista de violências que acometem principalmente as personagens femininas. Considerando a importância da abordagem do trauma e da agência em personagens femininas na literatura caribenha, visto sua recorrência, esse artigo busca investigar como o corpo traumatizado nas obras de Condé se torna um agente de protagonismo e resistência. Três romances foram selecionados com base nas amostragens diversas da lista de traumas e violências mencionada.

Em *Desirada* (1997), a busca da protagonista por sua identidade está profundamente conectada ao corpo como *locus* de memória e resistência. A narrativa

¹ “comme une esthétique culturelle qui en liant l’écrit et l’oral, le réel et l’imaginaire, ‘le su’ et ‘l’incertain’ conduit au recouvrement d’H/histoires occultées” (Sourieau, 1995, p. 114). Todas as traduções que se encontram no corpo do texto são de minha autoria. O texto original se encontra na nota de rodapé. Os/as tradutores/as das citações de obras já traduzidas e publicadas se encontram na seção de referências.

explora a ausência materna e o impacto dessa ausência no desenvolvimento psicológico e corporal da personagem, destacando como o corpo se torna um território de lutas internas e externas. Já em *La migration des coeurs* (1995), Condé revisita *Wuthering Heights* sob uma ótica caribenha, na qual o corpo feminino é um reflexo das paixões intensas e dos traumas históricos, mas também uma ferramenta de resistência cultural e emocional frente ao legado colonial. Por fim, *Histoire de la femme cannibale* (2003) apresenta uma protagonista cujo corpo carrega as marcas do trauma e da fragmentação identitária, mas que, ao mesmo tempo, articula uma narrativa de sobrevivência e reinvenção.

Este artigo está dividido em duas seções principais: a primeira apresenta as obras em análise, seguida por uma discussão teórica que examina o corpo como espaço de dor e memória, com base nas abordagens de autores como Michel Foucault e Elizabeth Grosz. Nesta seção, a análise das obras é desenvolvida de forma integrada, explorando temas como fragmentação corporal, desejo e subjetividade, diáspora e agência. O artigo conclui com uma reflexão sobre como o corpo, nas narrativas de Condé, atua como um espaço de transformação e subversão, reconfigurando a relação entre trauma e poder.

Apresentação das obras

Maryse Condé captura a complexidade das experiências diaspóricas e pós-coloniais, principalmente através das vivências corporais de suas personagens femininas. Nas palavras de Lydie Moudileno (2015, p. 16): “Do nascimento ao exílio, e às vezes ao retorno, os movimentos da vida são sempre expressos, nas obras de Condé, por meio de migrações, corpos e corações²”. As três obras escolhidas para este estudo – *Desirada* (1997), *La migration des coeurs* (1995) e *Histoire de la femme cannibale* (2003) – oferecem uma análise de relações entre corpo, trauma e agência em contextos de opressão histórica e social. Através de narrativas polifônicas (Carruggi, 2015) e carregadas de derrisão (Makward, 2015), Condé transforma o corpo em um espaço de resistência, memória e reconfiguração identitária.

² « De la naissance à l'exil, et parfois au retour, les mouvements de la vie se disent toujours, chez Condé, par des migrations, des corps et des cœurs »

Em *Desirada*, Condé apresenta uma narrativa de busca pela identidade marcada pelo abandono e pelo deslocamento. A protagonista, Marie-Noëlle, foi abandonada por sua mãe, Reynalda, ainda muito jovem, e é criada pela avó adotiva. O trauma desse abandono inicial se reflete em uma busca incessante pela verdade sobre suas origens, o que conduz a uma jornada física e emocional que percorre múltiplos espaços, desde as Antilhas até a França e os Estados Unidos. A narrativa tece um quadro complexo sobre a relação entre maternidade e diáspora, revelando como a ausência materna molda a subjetividade e o corpo da protagonista.

O corpo de Marie-Noëlle, ao longo da narrativa, torna-se o local onde as tensões da diáspora e da memória coletiva se inscrevem. Em uma leitura crítica, podemos entender seu corpo como um espaço de fragmentação, resultado tanto do abandono materno quanto das feridas deixadas pelo colonialismo. A separação física de sua mãe e as constantes migrações que ela experimenta ao longo de sua vida a distanciam ainda mais de suas raízes culturais e históricas. Nesse contexto, o corpo funciona como um símbolo da diáspora, onde a distância geográfica e emocional contribui para uma desconexão profunda com o passado.

A relação com o corpo em *Desirada* também pode ser lida através da ausência da maternidade tradicional. Reynalda, mãe de Marie-Noëlle, também carrega seus próprios traumas e, em vez de desempenhar um papel tradicional de proteção e cuidado, abandona sua filha. Tanto Reynalda quanto sua mãe Nina Titane, avó biológica de Marie-Noëlle, são vítimas de violência sexual. A única “figura paterna” que surge é através dos crimes de violação do corpo, o que estabelece um paralelo com o processo colonizatório e de exploração. Processo este que se perpetua na colonialidade do poder (Quijano, 2005). Assim, as questões de maternidade e corporeidade se tornam centrais para a narrativa, com Marie-Noëlle herdeira de um corpo marcado por memórias que não são suas, mas que ela é obrigada a carregar. Essa dinâmica reforça a noção do corpo como um espaço de memória herdada, um conceito que Condé explora com frequência em suas obras.

Em *La migration des coeurs*, Condé realiza uma releitura caribenha de *Wuthering Heights* de Emily Brontë, transportando o enredo para o contexto das Antilhas coloniais. Ao reimaginar essa história, Condé insere questões de raça, colonização e identidades

caribenhas, complexificando o relacionamento entre as personagens e os corpos que habitam. O foco aqui é no corpo como território de paixão e vingança, com os personagens enfrentando os legados da escravidão e da opressão colonial que moldam suas relações.

A protagonista Cathy, figura central dessa narrativa, carrega em seu corpo as marcas de sua posição social e racial dentro de uma sociedade colonial profundamente hierárquica. Seu amor por Razyé, um homem de origem marginalizada, desafia as normas sociais impostas pela ordem colonial, mas também inscreve em seus corpos as feridas de uma sociedade que não permite a existência de tais transgressões. O corpo de Cathy, portanto, é simultaneamente o local onde o desejo se manifesta e onde a violência simbólica e física dessa sociedade é marcada. A paixão incontrolável entre Cathy e Razyé reflete-se em uma corporalidade que tanto aproxima quanto distancia as personagens, cujos corpos são marcados por um amor que não pode ser plenamente realizado devido às limitações impostas pela sociedade colonial.

Além disso, o corpo feminino em *La migration des coeurs* se transforma em um campo de batalha onde as tensões coloniais são encenadas. Cathy, por sua vez, torna-se uma representação da resistência silenciosa, mas também da fragilidade, já que seu corpo não é apenas o local do desejo, mas também do sofrimento, resultante das expectativas coloniais e patriarcais que a cercam. Ao reescrever *Wuthering Heights* para o contexto caribenho, Condé desloca as discussões originais de Brontë para inserir questões específicas das Antilhas, tais como o trauma racial e a persistência das dinâmicas coloniais mesmo após a abolição da escravatura. Nessa releitura, o corpo feminino adquire novas camadas de significado, sendo ao mesmo tempo agente de mudança e vítima das estruturas sociais opressivas.

Em *Histoire de la femme cannibale*, Condé explora a alienação do corpo feminino em uma sociedade contemporânea pós-Apartheid marcada pela violência e pela exclusão. A protagonista, Rosélie, é descrita como uma figura silenciosa e isolada, cuja presença é muitas vezes ignorada ou subestimada. Essa alienação se manifesta tanto emocional quanto fisicamente, já que seu corpo adoece psicologicamente ao longo da narrativa, após o assassinato do seu marido, refletindo o isolamento e a angústia que ela experimenta.

A metáfora do “corpo canibalizado” que Condé propõe nesta obra representa a desintegração simbólica do corpo feminino, resultado de um ambiente onde a mulher é constantemente silenciada e reduzida a uma figura decorativa. Ao descrever o corpo de Rosélie, Condé sugere que, embora fisicamente enfraquecida, a personagem ainda exerce uma forma de resistência silenciosa. Seu corpo se recusa a sucumbir totalmente ao controle das memórias do falecido marido e da sociedade, tornando-se, em última instância, um espaço de subversão.

A canibalização do corpo aqui não deve ser vista apenas como um processo de destruição, mas também de transformação. Rosélie, ao se distanciar da sociedade e de seu papel como esposa, desafia as normas que lhe foram impostas, utilizando seu corpo como meio de escapar das expectativas patriarcais. Esse processo de transformação, que acontece de maneira silenciosa e interna, oferece uma visão alternativa de resistência, onde o corpo não precisa ser ativo no sentido tradicional para agir como agente de mudança. No contexto de uma sociedade sul-africana marcada pela violência e pelas desigualdades sociais, o corpo da protagonista de *Histoire de la femme cannibale* carrega o peso de sua agência, mesmo em um estado de fragmentação e alienação.

Embora as três obras de Maryse Condé se diferenciem em termos de enredo e ambientação, elas compartilham temas centrais que colocam o corpo feminino no centro de suas narrativas. Em *Desirada*, *La migration des coeurs* e *Histoire de la femme cannibale*, o corpo funciona como um local de memória, trauma e resistência. Em vez de simplesmente refletir passividade ou sofrimento, os corpos das personagens de Condé agem como catalisadores de transformação, forçando as personagens a renegociarem suas identidades e a desafiar as estruturas de poder que as oprimem.

A corporalidade, assim, torna-se um veículo através do qual Condé explora não apenas as experiências individuais de suas protagonistas, mas também as consequências mais amplas da colonização, da diáspora e do patriarcado. Ao integrar o corpo nas narrativas de trauma e agência, Condé demonstra como as vivências corporais podem servir tanto como um reflexo das opressões históricas quanto como um espaço de resistência criativa.

Corpos em trânsito: trauma e reconstrução nas personagens femininas de Condé

Ao longo da obra de Maryse Condé, o corpo feminino emerge como um espaço onde a dor física e emocional, frequentemente conectada a traumas históricos e sociais, é inscrita e reconfigurada. Para compreender essa construção, faz-se necessário explorar o corpo como lugar de memória e dor através de diversas perspectivas teóricas. Nesta seção, veremos como o corpo, enquanto espaço simbólico e material, assume um papel central na narrativa de resistência e agenciamento das personagens de Condé.

Frantz Fanon, em *Pele negra, máscaras brancas* (1952) e *Os condenados da Terra* (1961), argumenta que o corpo negro, sob o regime colonial, é transformado em um objeto de opressão, sendo marcado pela violência física e psicológica. Para Fanon, o corpo colonizado é reduzido a uma “zona de não-ser”, na qual a desumanização e a inferiorização se manifestam:

Mesmo expondo-me ao ressentimento de meus irmãos de cor, direi que o negro não é um homem. Há uma zona de não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer. A maioria dos negros não desfruta do benefício de realizar esta descida aos verdadeiros Infernos (Fanon, 2008, p. 26).

Essa “zona de não-ser” é importante para analisar as personagens femininas de Condé, cujos corpos, mesmo após o fim da colonização formal, ainda carregam as marcas de um passado violento e de contínuos processos de subjugação racial e de gênero.

Nos romances de Condé, o corpo de mulheres negras é frequentemente retratado como um espaço em que a memória da colonização persiste. Em *La migration des coeurs*, por exemplo, a protagonista Cathy vivencia essa opressão racial e de gênero, e suas escolhas de vida, sobretudo suas relações afetivas, são profundamente marcadas pelas hierarquias coloniais que informam sua existência. A dor física e emocional que Cathy experimenta se torna um reflexo da própria desintegração do corpo colonizado, no sentido fanoniano, como um local de desumanização. O colapso de Cathy é também o colapso da própria ordem colonial que estrutura sua existência, ecoando a noção de Fanon de que o corpo colonizado é ao mesmo tempo um objeto de violência e de resistência. Nesse colapso, há não apenas uma quebra de sua estrutura física, mas a ruína simbólica da ordem colonial que a aprisiona:

Ouvi dizer que Aymeric queria enterrar meu corpo no pequeno cemitério de L'Engoulvent, ao lado do da minha mãe. Isso é bem coisa de quem está vivo, porque essa reunião tardia não servirá para nada. Nós não nos conhecemos, nossos corações não tiveram tempo de se amar. Não será agora que começaremos. Nossos ossos se transformarão em pó, um ao lado do outro. E ponto final. A vida ficou para trás. A eternidade está à frente. A eternidade. Um tempo sem limites para passar. Sem limites³ (Condé, 1995, p. 87).

Cathy permanece presente na narrativa mesmo após sua morte. Seu espírito observa o velório do corpo e pondera sobre vida, morte e eternidade. A morte parece dar fim à sua corporeidade, mas o peso da eternidade, desse tempo sem limites e que não passa, faz com que a matéria retorne e ganhe força. O corpo de Cathy já não está mais aprisionado pelas amarras que lhe adoeciam. Cathy se sente livre, por exemplo, da necessidade do reencontro, em matéria, com sua mãe. O seu corpo e seu estado de espírito não podem mais colapsar, ferverem e suarem de febre, enlouquecerem, pois agora a eternidade é que rege as estruturas, e o único peso sentido é o do tempo infinito. Paradoxalmente, o corpo e a mente de Cathy se fundem, performando a confirmação de que não são categorias separadas.

Michel Foucault, em suas obras sobre biopolítica e disciplina, oferece ferramentas para entender como o corpo é controlado e regulado pelo poder. Em *Vigiar e punir* (1975), Foucault descreve o corpo como um “objeto e alvo do poder”, sujeito a uma série de mecanismos de controle que visam discipliná-lo e regulá-lo. Para o autor, “sobre toda a superfície de contato entre o corpo e o objeto que o manipula, o poder vem se introduzir, amarra-os um ao outro” (Foucault, 2008, p. 120). No universo das personagens de Condé, esse controle se manifesta de diversas formas, seja através de instituições como o Estado, seja através das normas sociais que restringem a agência das mulheres negras.

A biopolítica foucaultiana, o controle das populações por meio da regulação dos corpos, encontra particular ressonância em *Histoire de la femme cannibale*. Rosélie, uma mulher alienada dos segredos do seu marido recentemente assassinado, vive à margem de uma sociedade que controla não apenas seu comportamento, mas seu próprio corpo.

³ « J'ai entendu qu'Aymeric voulait enterrer mon corps dans le petit cimetière de L'Engoulvent à côté de celui de ma maman. C'est bien une idée de vivant, car cette réunion tardive ne servira de rien. Nous ne nous sommes pas connues, nos cœurs n'ont pas eu le temps de s'aimer. Ce n'est pas maintenant que nous commencerons. Nos os tomberont en poussière les uns à côté des autres. Un point, c'est tout. La vie est derrière. L'éternité devant. L'éternité. Un temps sans limites à passer. Sans limites ».

Sua alienação pode ser lida como um reflexo da biopolítica descrita por Foucault, na qual o corpo é objeto de vigilância e normatização; um corpo é considerado dócil quando pode ser controlado, manipulado, moldado e aprimorado para cumprir determinados fins (Foucault, 2008). A deterioração psicológica da protagonista ao longo da narrativa sugere a força do biopoder na tentativa de apagar sua subjetividade e agência, ao mesmo tempo em que torna o corpo um campo de resistência silenciosa.

Era a segunda vez que um homem abandonava Rosélie sem consideração. Vinte anos antes, sua carne ainda não era triste! Então, em seu desamparo, ela recorreu a outra estratégia que não a adivinhação. O ofício mais antigo do mundo, segundo dizem. Não é de bom grado que uma mulher vende seu corpo. É preciso que ela realmente não tenha outra opção à mão. Por mais que tente se encorajar, repetindo a si mesma que, segundo as feministas, até mesmo as esposas legítimas — aquelas que passaram de vestido branco diante do prefeito, depois do padre, e que ostentam uma aliança no dedo — são prostitutas, algo indefinível a detém. Contudo, naquela situação, Rosélie não tinha escolha. Além disso, não era complicado: bastava sentar-se, com as pernas cruzadas, no Saigom, um bar à beira-mar em N'Dossou. A partir das seis da tarde, os clientes chegavam em massa, como moscas em Kaolack, no Senegal, pousando sobre os olhos dos bebês⁴ (Condé, 2003, p. 14).

Rosélie rememora sua vida antes de se casar com Stephen, agora falecido. Condé acena às feministas em tom de desconforto e de reflexão. A autora reforça um traço característico de seus romances: “criar” personagens, e dar voz a elas, longe de referenciais perfeitos, modelos exemplares. Rosélie se via amparada pela teoria, mas não pela vida de fato. Ela compreendia que não havia erro em seus atos, mas não queria ter sido ela a cobaia da tese, quem se sacrificaria e recorreria à “venda do seu corpo”, em suas palavras. Em retrospectiva, é notável a falta de agência de Rosélie em determinados segmentos de sua vida; falta esta que na maioria das vezes é consequência de todo um sistema colonizado e explorador. Não à toa, Rosélie se vê como a mulher invisível. Mesmo dada como “invisível”, ela **se vê**, ou seja, ela é alguém, um sujeito. Nesse ínterim, as violências se misturam e se assemelham. As misérias e as doenças se justapõem. De

⁴ « C'était la seconde fois qu'un homme abandonnait Rosélie sans ménagement. Vingt ans plus tôt, sa chair n'était pas encore triste ! Alors, dans son désarroi, elle s'était rabattue sur un autre stratagème que la divination. Le plus vieux métier du monde, à ce qu'on prétend. Ce n'est pas de gaieté de cœur qu'une femme vend son corps. Il faut vraiment qu'elle n'ait rien d'autre sous la main. Elle a beau s'encourager, se répéter que, selon les féministes, même les épouses légitimes, celles qui sont passées en robe blanche devant le maire, puis le curé et portent bague au doigt, sont des prostituées, un je-ne-sais-quoi la retient. Dans ce cas, cependant, Rosélie n'avait pas le choix. En outre, ce n'était pas compliqué : il suffisait de s'asseoir, les jambes croisées, au Saigom, un bar sur le front de mer à N'Dossou. Dès dix-huit heures, les clients affluaient comme les mouches à Kaolack, Sénégal, sur les yeux des bébés ».

maneira, até macabra, o seu corpo é comparado aos dos bebês doentes e mortos, tendo seus corpos desejados por seres “carniceiros”, em busca de comida a todo custo, homens e moscas, com a diferença que ambos os corpos desejados e violentados são humanos, enquanto os devoradores são animais que agem por instinto, e o homem.

As noções de agenciamento, desenvolvidas por Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Mil Platôs* (de 1980), oferecem uma visão que amplia nossa compreensão do corpo como um espaço de transformação e resistência. Para esses autores, o corpo não é uma entidade estática, mas um “corpo sem órgãos”, um campo de possibilidades que está em constante processo de reconfiguração: “O corpo sem órgãos não é um corpo morto, mas um corpo vivo, e tão vivo e tão fervilhante que ele expulsou o organismo e sua organização” (Deleuze; Guattari, 2021, p. 43). Essa ideia de corpo como um espaço de fluxos e agenciamentos é essencial para compreender como as personagens de Condé se repositonam dentro de contextos de trauma e opressão.

Em *La migration des coeurs*, a reformulação do romance gótico clássico em um contexto pós-colonial desafia as narrativas tradicionais de paixão e desejo, pois o corpo feminino aqui é ao mesmo tempo objeto e agente. Deleuze e Guattari sugerem que o agenciamento não se dá a partir da estabilidade, mas da multiplicidade e da fluidez do desejo. Nesse sentido, o corpo de Cathy é tanto um espaço de opressão quanto de resistência:

Foi por volta da meia-noite que a febre tomou conta de Cathy. A lua estava alta, redonda, bem no meio do céu, quando o suor começou a brotar em grandes ondas de seu corpo, encharcando o lençol da cama. Ela se sentou, com o tronco rígido, tirou a camisola e tentou rasgá-la⁵ (Condé, 1995, p. 69).

Cathy sofre das enfermidades que atormentam seu corpo e que advêm de sua mente. Seu estado corpóreo é por muitas vezes descrito como febril, suado e fora de controle. Seu estado mental rege a temperatura do seu corpo, e o seu corpo revida aumentando suas alucinações. Cathy é acometida pela paixão desmedida por Razyé e pelo preconceito racial e social que atravessa a relação entre os dois. A noite é possivelmente de lua cheia: redonda e alta; criando a atmosfera de um romance gótico,

⁵ « C’est aux environs de minuit que la fièvre se leva chez Cathy. La lune était haute, ronde en plein mitan du ciel quand la sueur sortit à gros bouillons de son corps et trempa la toile du lit. Elle s’assit, le buste raide, enleva sa chemise de nuit et s’efforça de la déchirer ».

de uma noite lobisomem, de uma noite de transformações físicas que desafiam a razão e o autocontrole. Ao aproximar-se de sua morte, debilitada, Cathy já não tem mais controle de si. Na descrição desse episódio, que se repete, a sensualidade é evocada por elementos corpóreos. O suor, líquido, que brota em ondas; o lençol molhado, encharcado; a camisola rasgada pela própria Cathy, em momento de catarse que lembra o auto prazer; além da forma arrendada da lua. A sensualidade se mescla com o estado enfermo de Cathy.

Em *Desirada*, a protagonista Marie-Noëlle exemplifica o processo de agenciamento descrito por Deleuze e Guattari. Embora inicialmente sua vida pareça ser controlada pelos traumas herdados de sua mãe e pela ausência desta, ela gradualmente encontra maneiras de reconfigurar sua própria subjetividade. O corpo de Marie-Noëlle, inicialmente marcado pela ausência e pela fragmentação, torna-se um campo de novas conexões e possibilidades, especialmente à medida que ela reconstrói sua relação com suas idiossincrasias. O conceito de agenciamento permite que vejamos o corpo de Marie-Noëlle não apenas como um objeto passivo da dor, mas como uma plataforma de transformação ativa:

No entanto, há algum tempo, ela se fazia a pergunta: será que não poderia continuar vivendo como estava? Sem identidade, como alguém a quem roubaram os documentos e que vagueia pelo mundo? Será que, dessa forma, não era mais livre? É uma mania ridícula querer saber a todo custo de onde viemos e qual gota de esperma nos deu a vida⁶ (Condé, 1997, p. 183).

O pertencimento ocupa papel importante na vida de Marie-Noëlle. A personagem desconhece a identidade do seu pai, além de ter sido abandonada pela mãe quando criança. Essa quebra de uma estrutura tradicional torna sua vida um labirinto sem respostas, porque ela se sente anormal perante o mundo que a cerca. A linhagem é descrita de maneira palpável e biológica: o esperma. Porém, Marie-Noëlle questiona a necessidade de dar um sobrenome ao seu corpo, seja materno ou paterno. Por conseguir vaguear pelo mundo, os documentos se tornam mero instrumento que lhe aprisiona.

⁶ « Pourtant, depuis quelque temps, elle se posait la question : est-ce qu'elle ne pouvait pas continuer de vivre comme elle le faisait ? Sans identité, comme une personne à qui on a volé ses papiers et qui erre à travers le monde ? Est-ce qu'ainsi elle n'était pas plus libre ? C'est une sale manie de vouloir savoir à tout prix d'où on sort et la goutte de sperme à laquelle on doit la vie ».

Sem eles, ela se sente mais livre para existir e movimentar seu corpo sem o sufocamento do pertencer.

A ausência do corpo materno, em *Desirada*, está diretamente ligada à ausência cultural e à desintegração do vínculo familiar, temas comuns no contexto pós-colonial que Condé aborda em sua obra. A maternidade, ou sua falta, reflete-se no corpo fragmentado da protagonista, que é constantemente desafiada a preencher esse vazio emocional e cultural. Para Louise Hardwick (2015, p. 46): “É importante destacar que, neste romance, o vínculo com a mãe também representa um vínculo muito forte com o país⁷”.

Gayatri Spivak, em seu ensaio seminal *Pode o subalterno falar?* (1988), questiona a possibilidade de as vozes subalternas serem ouvidas dentro de estruturas de poder hegemônicas. Essa questão é central para analisar as obras de Condé, especialmente em relação à agência das mulheres negras, cujos corpos são frequentemente silenciados ou ignorados. Para Spivak, o subalterno – aqui representado pelas mulheres negras das Antilhas – enfrenta barreiras estruturais para que sua voz e suas experiências corporais sejam legitimadas dentro das narrativas dominantes. Como um adendo, a autora ainda contraria Deleuze e Foucault em determinados pontos: “Nem Deleuze, nem Foucault parecem estar cientes de que o intelectual, inserido no contexto do capital socializado e alardeando a experiência concreta, pode ajudar a consolidar a divisão internacional do trabalho” (Spivak, 2010, p. 30).

No caso de *Histoire de la femme cannibale*, a protagonista pode ser lida como uma figura subalterna que luta para expressar sua subjetividade em um mundo que a marginaliza. Não é por acaso a obsessão de Rosélie por uma mulher que ganha fama de “canibal” após assassinar e esquartejar o corpo do marido. “A mulher canibal”, Fiela, permanece em silêncio durante todo o processo judicial e termina por tirar a própria vida. Os corpos silenciados de Fiela e de Rosélie, que sempre viveu à margem por ter se casado com um homem branco, representam a tentativa de articular sua própria resistência.

⁷ «Il convient de signaler que dans ce roman, le lien avec la mère représente aussi un lien très fort avec le pays».

Stephen já não caminhava mais ao seu lado, de braços dados ou envolvendo seus ombros de forma ostensiva. Eles não mais virariam a cabeça em sua direção. Ela já não irritava, já não chocava. Tornara-se novamente invisível. Que escolha triste! Exclusão ou invisibilidade! *Invisible woman*⁸ (Condé, 2003, p. 34-35).

A presença de Stephen parece ser o que garantia a existência de Rosélie na visão dos outros. Um homem branco e uma mulher negra, a relação dos dois atraía olhares de preconceito. Rosélie percebe que, mesmo tendo Stephen ao seu lado, ela era a parte excluída, a partícula rejeitada, o corpo marginalizado. Ela sempre estava com um pé para fora. Com a morte do marido, Rosélie deixou de existir para os outros, se tornou invisível, e só seria lembrada para ser excluída novamente. Aos poucos ela se dá conta de tudo que também perdeu graças à relação com esse homem, que a sua exclusão vinha dele próprio – um processo de invisibilização. Como um corpo pode ser invisível? Tudo o que esse corpo significa, representa e simboliza para os outros, tudo o que ele carrega, somado a tudo o que o atravessa, tudo isso incomoda o capataz. Rosélie não era invisível, mas os outros fingiam não a ver.

A crítica de Spivak sobre a marginalização das vozes subalternas ressoa aqui, já que a protagonista encontra, ao final da estória, uma forma de “falar” através da pintura de um autorretrato, uma metáfora para a impossibilidade de articular sua agência dentro dos limites impostos pelo poder hegemônico:

Fiéla, é você? Sou eu? Nossas duas figuras se confundem. Desta vez, ela tinha o título em mãos. Encontrou-o antes mesmo de começar sua obra. Ele emergiu das profundezas de si mesma, no auge de uma maré incontrollável: *Mulher Canibal*⁹ (Condé, 2003, p. 279).

De mulher invisível para mulher canibal. Rosélie consegue concluir seu autorretrato de maneira diferente com a qual começou. Fiéla, essa mulher misteriosa que não pronuncia uma palavra sequer ao longo de toda a estória. Suas feições são descritas como não marcantes. Seu suposto crime, contudo, é tão impactante que a faz ganhar o título de *Mulher Canibal*. A imagem de Fiéla se torna objeto de identificação de

⁸ «Stephen ne marchait plus à son côté, bras dessus bras dessous ou lui entourant les épaules avec ostentation. Ils ne tourneraient pas la tête dans sa direction. Elle n’irritait plus, elle ne choquait plus. Elle était redevenue invisible. Triste choix ! Exclusion ou invisibilité ! *Invisible woman* ! »

⁹ « Fiéla, est-ce toi ? Est-ce moi ? Nos deux figures se confondent. Cette fois, elle était en possession de son titre. Elle l’avait trouvé avant même que de commencer son ouvrage. Il avait surgi du plus profond d’elle-même au bout d’une marée incontrôlable: *Femme cannibale* ».

Rosélie. Depois de guardar por tanto tempo sua voz, Rosélie sente a força do mar empurrar de dentro para fora do seu corpo todo o sargaço acumulado. Num movimento de regurgitação, ela consegue canibalizar Fiéla, seu passado e si mesma.

A fragmentação do corpo também é metafórica para o deslocamento e a diáspora. Rosélie incorpora essas memórias coloniais, mas, ao mesmo tempo, age para criar uma nova subjetividade. Aleida Assmann, em sua teoria sobre memória cultural, argumenta que o corpo não apenas preserva memórias individuais, mas também funciona como um espaço onde memórias coletivas são inscritas e transmitidas através de gerações. Em *Desirada*, o corpo de Marie-Noëlle pode ser lido como um receptáculo de memórias que transcendem sua própria experiência. A ausência de sua mãe, Reynalda, não é apenas um trauma individual, mas parte de uma cadeia de memórias traumáticas que remontam à experiência coletiva das Antilhas como espaço de colonização e escravidão. E esse legado é inscrito em seu corpo: « Je comprends et j'accepte qu'autour de moi, il n'y ait jamais eu de place pour un certain bonheur. Mon chemin est tracé ailleurs » (Condé, 1997, p. 211).

Assmann (2011) sugere que a memória cultural é frequentemente mantida viva através da corporalidade, especialmente quando as narrativas oficiais falham em reconhecer as histórias subalternas. Nesse sentido, o corpo de Marie-Noëlle, que carrega as ausências e perdas de sua linhagem, pode ser interpretado como um espaço de memória cultural que desafia as narrativas dominantes da diáspora:

Real ou imaginária, essa identidade acabou me agradando. De certa forma, minha monstruosidade me torna única. Graças a ela, não tenho nacionalidade, nem país, nem língua. Posso rejeitar essas preocupações que atormentam tanto os seres humanos. Ela também oferece uma explicação para o que envolve minha vida¹⁰ (Condé, 1997, p. 211).

Marie-Noëlle se desloca do local de ser humano para o de monstro. As marcas da sua monstruosidade estariam inscritas tanto no corpo quanto na “identidade”, no sentido tradicional de país, língua e nacionalidade. Tendo migrado frequentemente durante a vida, ela não se filia a nada que determine sua identidade. Seu corpo exerce uma extensão que a conecta com as relações construídas nos lugares por onde passou.

¹⁰ « réelle ou imaginaire, cette identité-là avait fini par me plaire. D'une certaine manière, ma monstruosité me rend unique. Grâce à elle, je ne possède ni nationalité ni pays ni langue. Je peux rejeter ces tracasseries qui tracassent tellement les humains. Elle donne aussi une explication à ce qui entoure ma vie ».

Se o seu corpo passasse por um Raio X identitário e hereditário, os traços monstruosos apareceriam ali. Contudo, Marie-Noëlle representa o aspecto mais distinto do ser humano, a memória cultural. Ela é o próprio espaço de memórias e narrativas, ainda que não consiga traçar a tradicional árvore genealógica.

Elizabeth Grosz, em *Volatile Bodies* (1994), enfatiza a importância de compreender o corpo feminino não apenas como um objeto de controle, mas como uma entidade material que tem agência própria. Grosz argumenta que o corpo feminino deve ser entendido como um espaço de possibilidades materiais, que desafia as tentativas de discipliná-lo ou aprisioná-lo. Essa perspectiva é particularmente útil para a análise de Condé, uma vez que suas personagens femininas, embora muitas vezes oprimidas, utilizam seus corpos para resistir às estruturas patriarcais e coloniais.

O conceito de Grosz de que o corpo é material e, ao mesmo tempo, capaz de desafiar suas próprias limitações, é evidente em *La migration des coeurs*. A protagonista, Cathy, experimenta uma resistência silenciosa através de seu corpo, que, embora submetido a múltiplas formas de controle, nunca é totalmente capturado por essas forças. Em momentos de grande dor emocional, seu corpo se torna um espaço de resistência e de ruptura com as normas coloniais que tentam aprisioná-la. A destruição do corpo de Cathy pode ser lida como uma negação das tentativas de controlar seu corpo e sua subjetividade. De certa maneira, ela se vê liberta.

Ele fala do céu. Mas do céu, eu não ligo. Não é lá que quero ir para encontrar os santos e os anjos. O céu não é para mim. Eu sonho com um além onde poderíamos expressar todos os sentimentos, todos os desejos que tivemos que sufocar durante nossa existência. Um além onde seríamos finalmente livres para sermos nós mesmos¹¹ (Condé, 1995, p. 75).

Cathy não sonha com a tão desejada vida eterna do cristianismo, pois dentro desse sistema ela nunca esteve de igual para igual com os outros cristãos. Se a vida eterna com anjos e santos foi prometida aos seus algozes, certamente não será o lugar almejado por Cathy. No céu, seu corpo nunca se libertará do que lhe atormenta e nem se verá livre da repressão de seus sentimentos. Principalmente, no céu, ela não poderá

¹¹ « Il parle du ciel. Mais du ciel, je me moque. Ce n'est pas là que j'ai envie d'aller pour y trouver les saints et les anges. Le ciel n'est pas pour moi. Je rêve d'un au-delà où nous pourrions exprimer tous les sentiments, toutes les envies que nous avons dû étouffer pendant notre existence. Un au-delà où nous serions enfin libres d'être nous-mêmes ».

finalmente se unir à Razyé, o seu grande amor, uma vez que o céu também a ele não pertence.

A partir dos apontamentos de Elizabeth Grosz, o corpo feminino em Condé não é fixo, mas constantemente renegociado no campo do desejo, transformando-se em uma ferramenta de resistência emocional e cultural.

Elaine Scarry, em *The Body in Pain* (1985), propõe que a dor extrema tem o poder de desmontar a linguagem, transformando o corpo em um local de resistência silenciosa e impotente. Ao analisar como o sofrimento priva o indivíduo da capacidade de expressar sua experiência verbalmente, Scarry destaca que o corpo em dor se torna uma espécie de “testemunha muda” de sua própria destruição. A autora argumenta que a tortura e a violência física não apenas infligem sofrimento, mas também desumanizam ao destruir a capacidade de comunicação, transformando o corpo em um meio pelo qual o poder é exercido. Essa ideia encontra eco nas personagens femininas de Condé, cujos corpos carregam tanto o peso físico quanto emocional de traumas que muitas vezes são difíceis de verbalizar.

Em *Histoire de la femme cannibale*, o corpo de Rosélie é a própria manifestação de uma memória histórica apagada, um local onde o sofrimento acumulado ao longo das gerações finalmente se inscreve. Os anos de apagamento frente ao seu marido resultam num colapso de sua subjetividade, à medida que seu corpo se torna o único meio de expressão de uma dor que a linguagem não pode capturar. O diálogo imaginário que Rosélie estabelece com Fiéla, a misteriosa assassina que se mantém em completo silêncio, funciona como uma metáfora para o esvaziamento de sua identidade e agência:

Fiéla, você se instalou em meus pensamentos, meus sonhos. Não incomoda nem um pouco. Discreta como outra eu mesma. Você se esconde por trás das minhas ações, invisível, como o forro de seda de uma roupa. Você deve ter sido como eu, uma criança solitária, uma adolescente taciturna. Sua tia, que te acolheu, dizia que você era ingrata. Você não tinha amigas. Não chamava atenção. Os meninos passavam por você sem te olhar, sem se importar com o que você queimava de vontade de oferecer a eles¹² (Condé, 2003, p. 81).

¹² « Fiéla, tu t'es installée dans mes pensées, mes rêves. Pas gênante pour un sou. Discrète comme une autre moi-même. Tu te caches derrière mes actions, invisible, pareille à la doublure de soie d'un vêtement. Tu as dû être comme moi, une enfant solitaire, une adolescente taciturne. Ta tante qui t'a recueillie te disait une ingrata. Tu n'avais pas d'amies. Tu ne retenais pas l'attention. Les garçons passaient sur toi sans te regarder, sans s'occuper de ce que tu brûlais d'envie de leur offrir ».

Embora não esteja presente fisicamente, Fiéla habita o corpo de Rosélie como uma projeção ou reflexo de si mesma. Fiéla é ao mesmo tempo um fantasma e um reflexo, uma presença ausente que revela mais sobre Rosélie do que sobre ela mesma. A invisibilidade de Fiéla contrasta com o seu desejo reprimido pelos meninos de sua rua. O fogo ardente que lhe consome também se esconde perante a indiferença nos olhares dos outros. O “forro de seda de uma roupa” enfatiza essa invisibilidade de Fiéla de maneira que ela não é visível externamente, mas está presente em cada movimento e ação de Rosélie, como algo essencial e inseparável do seu corpo. Fiéla é construída como uma presença íntima, quase metafísica, que talvez represente uma memória ou um desejo reprimido de Rosélie. As duas personagens se unem na solidão, na exclusão, no isolamento e na invisibilização.

Scarry sugere ainda que, embora a dor silencie, ela também redefine as formas de comunicação. Nos textos de Condé, a dor corporal frequentemente assume o papel de uma linguagem própria, ainda que silenciosa, que desafia o apagamento das vozes femininas e negras nas narrativas hegemônicas. Assim, os corpos das personagens se tornam espaços de resistência, onde o sofrimento que não pode ser verbalizado é, ainda assim, inscrito e comunicado, mesmo que de forma fragmentada e incompleta. O corpo, nas obras de Condé, é esse espaço dinâmico onde o passado e o presente se encontram, criando novas possibilidades para o futuro.

Agência do corpo feminino na diáspora e além

As obras de Maryse Condé fornecem uma lente crítica para explorar como o corpo feminino, marcado pelo trauma e pela diáspora, atua como agente de resistência e transformação. Em *Desirada*, *La migration des coeurs* e *Histoire de la femme cannibale*, o corpo fragmentado e enfermo transcende a condição de vítima passiva, tornando-se um espaço ativo de negociação de poder e reconfiguração identitária. Através dessas narrativas, Condé apresenta uma visão complexa da agência feminina, problematizando a relação entre trauma, sofrimento e resistência, sem romantizar o processo de superação, mas reconhecendo o custo emocional, físico e psicológico dessa jornada.

Em *Desirada*, o vazio deixado pela ausência da mãe, aliado à diáspora e ao deslocamento geográfico, molda a trajetória de Marie-Noëlle. Seu corpo, marcado pela busca identitária e pelo trauma do abandono, transforma-se em um espaço de ressignificação, no qual ela redefine sua relação com o passado e com o presente. O corpo, portanto, não é um mero reflexo da dor materna, mas um agente de resistência contra a imposição de uma identidade fragmentada.

La migration des coeurs amplia essa discussão ao recontextualizar o corpo feminino no cenário da colonização. A intertextualidade com *Wuthering Heights* oferece uma crítica ao imperialismo, e os corpos femininos são os receptáculos tanto do desejo quanto das marcas deixadas pela violência colonial. Entretanto, longe de serem passivos, esses corpos são instrumentos de subversão e resistência. O desejo, que muitas vezes é lido como uma fraqueza feminina, torna-se, nas mãos de Condé, uma ferramenta de agência e autodefinição.

Por fim, em *Histoire de la femme cannibale*, o corpo de Rosélie é o espaço onde o luto e a solidão se encontram, mas também onde a possibilidade de reconstrução identitária se insinua. A morte de Stephen não apenas provoca o luto, mas também expõe as fissuras existentes na subjetividade de Rosélie, obrigando-a a enfrentar sua própria diáspora interior. O corpo, aqui, é fragmentado, mas essa fragmentação não é sinônimo de inatividade. Pelo contrário, é um espaço de reconfiguração e resistência silenciosa. A metáfora da mulher “canibal” funciona como uma alegoria do consumo das próprias experiências para ressignificar o passado e continuar existindo.

Referências

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução Paulo Soethe. Campinas: Unicamp, 2011.

BRIS, Michel Le; ROUAUD, Jean. **Pour une littérature-monde**. Paris: Éditions Gallimard, 2007.

CARRUGGI, Noëlle; *et al.* **Maryse Condé**: rébellion et transgressions. Paris: Éditions Karthala, 2015.

CONDÉ, Maryse. **Desirada**. Paris: Éditions Stock, 1997.

CONDÉ, Maryse. **Histoire de la femme cannibale**. Paris: Éditions du Seuil, 2003.

CONDÉ, Maryse. **La migration des coeurs**. Paris: Éditions du Seuil, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: 34, 2021.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução Regina Salgado Campos e Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 2008.

GROSZ, Elizabeth. **Volatile Bodies: Toward a Corporeal Feminism**. Bloomington: Indiana University Press, 1994. New York: Cornell University Press, 1995.

HARDWICK, Louise. La question de l'enfance. *In: CARRUGGI, Noëlle; et al. Maryse Condé: rébellion et transgressions*. Paris: Éditions Karthala, 2015.

MAKWARD, Christiane. Rire, dit-elle... De l'ironie chez Maryse Condé. *In: CARRUGGI, Noëlle; et al. Maryse Condé: rébellion et transgressions*. Paris: Éditions Karthala, 2015.

MOUDILENO, Lydie. De l'autobiographie au roman fantastique: itinéraires de Maryse Condé. *In: CARRUGGI, Noëlle (org.). Maryse Condé, Rébellion et transgressions*. Paris: Karthala, 2015.

LIONNET, Françoise. **Postcolonial Representations: Women, Literature, Identity**. Cornell University Press, 1995.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

SCARRY, Elaine. **The Body in Pain: The Making and Unmaking of the World**. New York: Oxford University Press, 1985.

SOURIEAU, Marie. La vie scélérate de Maryse Condé: Métissage narratif et héritage métis. *In: CONDÉ, Maryse; COTTENET-HAGE, Madeleine (org.). Penser la créolité*. Paris: Éditions Karthala, 1995.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Tradução Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

Data de submissão: 01/10/2024

Data de aceite: 05/12/2024